

HUGO GONÇALVES

Filho



do

pai

Um grito.

Tenho a planta do pé lacerada por algo maligno e profundo debaixo da areia seca. O meu pai corre para mim, carrega-me ao colo, lava-me o corte sanguíneo com água do mar. Eu tinha três ou quatro anos, mas ainda recordo o ardor salgado na ferida, o choro contra o peito musculado do meu pai, a praia onde ele nadava até ao rochedo longínquo e onde posou, certa tarde, para uma fotografia, imitando o Hércules dos filmes da sua juventude.

&

O meu pai corre atrás de mim, numa descida íngreme, no lusco-fusco ventoso do cabo da Roca. Lembro-me da serra, do Atlântico a sovar as escarpas, do farol a acender o feixe giratório que rasgava a noite, da vertigem de ser perseguido a grande velocidade, temendo despenhar-me rampa abaixo. Um pequeno animal prestes a ser abocanhado por outro muito maior. Era uma brincadeira ou uma ameaça?

Julgo serem estas as duas primeiras memórias que guardo do meu pai, embora conheça as patranhas da rememoração. Lembramos para encontrar sentido no que não conseguimos esquecer.

O pai que salva também é o pai que condena.

Qual deles iria encontrar, mais de quarenta anos passados, os dois últimos sem falar com ele, ao chegar à casa onde cresci?

7 DE AGOSTO DE 2020

Último dia antes das férias. Dormiste mal, talvez porque vais telefonar ao teu pai. Dizes-lhe que gostarias de o ver.

«Claro que sim, filho, vou agora para casa. Fui só ao banco assinar uma coisa.»

O teu corpo alarma-se ao ouvir a sua voz. Mas a palavra «filho» é dita com carinho, conciliação, até mesmo alegria.

Na garupa da moto, adentras o calor do fim da manhã e a sombra das árvores. Cheira a caruma e a pinhões esmagados por uma pedra, ao alcatrão fervente das tardes ao deus-dará, montado na bicicleta ou a jogar futebol de rua. O bairro mudou, o verão é sempre o mesmo.

Paras a moto, o teu pai acaba de chegar, está a sair do carro, as pernas bambas, um tremor de mãos quando se esforça para colocar a máscara cirúrgica. O elástico verga-lhe uma orelha, agora maior e mais peluda. Queres ajudá-lo, mas ele estabiliza o corpo emagrecido pelo cancro de longa duração. Oferece-te o cotovelo, esse cumprimento assético e pueril inventado durante

a pandemia. A tua proximidade pode ser uma ameaça à sua sobrevivência. Não debes beijá-lo nem abraçá-lo. Com a máscara, não percebes sequer se ele sorri quando te vê.

Ao ler, quatro anos mais tarde, o que escrevi nesse dia, posso evocar o desconforto daquele momento como se fosse ainda o miúdo a perambular diante da porta fechada do quarto do meu pai, adiando o golpe da minha mão na madeira, logo seguido do seu contragolpe:

«O que é que foi?»

O ato de lhe pedir algo — assinar um teste, dinheiro para o cinema, sair à noite — era por norma mortificante, porque a interrupção despertava nele a impaciência do génio que toca as suítes de Bach quando alguém se põe a esburacar uma parede com um berbequim.

(Serve-lhe, como atenuante, a ironia de que também eu me irrito com as interrupções provocadas pelas minudências dos outros, julgando que aquilo que faço deveria ser imper-turbável.)

Ao ler, quatro anos mais tarde, o que escrevi após a visita, tenho de admitir que a aflição desse dia tinha menos que ver com o rapazote que eu fora, receoso diante da porta do seu quarto, e mais com o homem que me tornara. Da última vez que tinha falado com o meu pai, antes do reencontro, dissera-lhe, em jeito de despedida, que estava grato pelo que fizera por mim, mas que a nossa relação se interrompia, a bem da minha paz de espírito. Ele respondera:

«És uma má pessoa, basta ler as coisas que escreves.»

Dois anos volvidos sem que trocássemos uma palavra, a minha paz de espírito registava consideráveis melhoras. Já o cancro do meu pai espalhara-se além da próstata, onde estivera circunscrito por lasquinhas radioativas e medicação importada dos Estados Unidos. Sacana como só o cancro, que já matara a mulher dele (e minha mãe) quando eu tinha oito anos, a doença expandira-se para os pulmões do meu pai septuagenário, durante o massacre global de um vírus respiratório que liquidara mais de quatro milhões de pessoas no último ano e meio.

Entras na casa, sempre de máscara, e observas a cozinha remodelada. A mesa nova está ao centro e, ao fundo, em vez da mesa velha, o recanto, agora vazio, onde comias com os teus irmãos, porque o teu pai não costumava jantar e trabalhava aos fins de semana. Sentas-te à mesa com ele, como raramente fizeram nos anos em que ali viveste. A mulher do teu pai prepara-lhe o almoço e, com a diligência de uma enfermeira ao domicílio, pergunta-te se queres comer, porque a execução de tarefas é a sua forma de interagir, ou talvez porque, há trinta e tal anos mulher e companheira de trabalho do chefe de família, é agora ela que conduz o carro e lhe calça os sapatos e passa noites insones, porque o teu pai, não conseguindo dormir, a mantém acordada com os monólogos com que se protege da noite, da solidão e da morte.

Ele fala-te do teu sobrinho, que é voluntário no Exército, e de um dos teus irmãos, que passa férias na casa de praia de

São Martinho, onde apenas ficaste uma vez, o que te valeu, na altura, um longo corretivo, porque esqueceste uma janela aberta. Mas esta é uma reunião amigável, não há lugar para acusações nem desagravos acerca da forma como o teu pai sempre usou as suas casas, os seus carros, o seu dinheiro, para submeter ou corrigir os filhos, até porque o poder, agora, é da doença. O cancro alastra-se dentro e fora do teu pai, tudo domina e destrói, é a ideia fixa que ele apresenta, dilatadamente, sob a forma da sua história clínica e de uma lista de medicamentos.

«Tiveram de me tirar um dos comprimidos, o amarelo, para o fígado, aquilo dava-me cá uma pedrada.»

Diz-te que está a ser tratado no Hospital dos Capuchos e recorda que já ali esteve internado, quando tinha dezoito anos, após um acidente de moto, aludindo, talvez sem se dar conta, ao escárnio da existência — agora somos jovens e eternos, daqui a nada somos velhos e apodrecemos.

«Não me digas que vou morrer onde me salvaram a vida.»

Procuras no teu pai a cicatriz desse tombo motorizado há quase sessenta anos, a linha escura que lhe vinca a cana do nariz aquilino, um nariz que herdaste e que te envergonhava, durante a adolescência, por te parecer desproporcional num rosto (e personalidade) ainda em formação, mas que agora aceitas como marca da tua identidade, da vossa identidade. Quando, já adulto, abalroaste distraidamente uma porta de vidro, abrindo vários lanhos no rosto, também ficaste com um traço escuro no nariz: uma linha cicatrizada na pele da cartilagem, o fio que vos aproxima e que se vai apagando na imensidão de tudo aquilo que vos separa.

O teu pai diz:

«Não quero morrer num hospital.»

Tu só queres que ele não morra.

Habitado às suas monomanias, julguei que, naquela manhã, o debitar da longa história clínica era a mais recente das suas obsessões. Umam eram fastidiosas — ouvi-lo tocar harmónica ou piano virtual num *tablet* —, contudo, inofensivas. Outras manifestavam a ciclotimia que subjugava as suas relações com os outros. Escolhia um restaurante, que frequentava e bendizia durante semanas, até que um bife em sangue ou um empregado metediço provocavam uma ofensa sem perdão.

«Nunca mais cá ponho os pés.»

Seguia-se novo restaurante, novos elogios e, claro, novas deslealdades. Durante anos, entrava no meu quarto, bem cedo, num sábado ou num domingo, e fustigava-me com diatribes sobre algum dos meus irmãos: as afrontas, as desilusões, as faltas de respeito, a ingratidão para com um pai que se esfalfava a trabalhar. Denegrir um filho diante de outro, tentando pô-los às avessas, era não perceber, tão-pouco celebrar, a amizade que unia os irmãos.

Para o meu pai, o carácter dos outros tinha sempre prazo de validade e com frequência um aliado caía em desgraça, um oponente tornava-se inimigo figadal, iniciando-se então mais uma saga do pai justiceiro que cruzaria o deserto para impor a razão que lhe fora injustamente espoliada. Foi assim quando tentou demover os vendedores ambulantes que

montavam feira nos seus terrenos e competiam com a sua loja de artesanato. Primeiro, com esclarecimentos sobre a invasão da propriedade privada, depois, mostrando-lhes a vergasta, chamada cavalo-marinho, que guardava debaixo do banco do carro. Um homem de charuto despertava nele a raiva do operário anarquista a quem o magnata explorador sopra o fumo na cara. Detestava o cheiro a tabaco, chamava «cães grandes» às poderosas famílias do regime e duvidava das manifestações de riqueza dos estranhos: «Está tudo preso por arames.» Durante anos, iniciando processos em tribunal ou alertando jornalistas, procurou remover, sem sucesso, o leão que um vizinho imbecil enjaulara na sua quinta, a poucos metros da nossa casa, e cujos rugidos despertavam o meu pai a meio da noite. Um fiscal da Câmara? O tipo do banco? Um desconhecido no trânsito? A namorada de um filho? Todos eles emissários dos defeitos de um Universo que não sabia acomodar o meu pai e o seu próprio cosmos, por ele governado e feito à sua imagem.

Havia tanto de casmurrice como de intentos admiráveis nas suas cruzadas. Dava pena vê-lo perder quando tinha razão. Dava raiva vê-lo insistir num engano.

Em algum momento, supus que a persistência e os moihos de vento tinham origem na morte da minha mãe. Depois de tamanha hecatombe, ele prometera que jamais seria vencido tão completamente. Talvez uma marca do seu caráter fosse a ferocidade revanchista, e o dono do leão, os vendedores ambulantes, os próprios filhos tivessem servido de treino para o combate com o maior inimigo de todos: a doença que lhe matara a mulher. E que tentava matá-lo agora.

Ainda que a minha visita, após dois anos de afastamento, fosse motivada pelas probabilidades desfavoráveis — quanto tempo mais teria um homem de quase setenta e seis anos, com um cancro nos pulmões, a meio do *blitz* pandémico de um vírus respiratório? —, despedi-me do meu pai, naquela cozinha, acreditando que ainda lhe restava fibra para uns quantos assaltos. Depois, quando estava prestes a pôr o capacete, junto da moto, ele reapareceu ao portão para uma segunda despedida.

Por fim, o teu pai está a sós contigo, sem a escolta da mulher — há quanto tempo não estavas sozinho com o teu pai? Ele acompanha-te ao portão, dando passos curtos. Parece menor do que te lembras. E a palmeira que cresceu contigo, no jardim, foi cortada, por causa de uma praga. Tal como os pinheiros, abatidos para se construir uma piscina. Mas o canto das rolas, que ouvias no teu quarto, compassado e repetido, algures no pinhal, ainda tenta convencer-te de que o verão será sempre o mesmo.

O teu pai diz:

«Gostei muito que viesses cá.»

«Eu também.» Sorris-lhe, debaixo da máscara. Será que ele percebe? «Depois ligo para saber o resultado dos exames que vais fazer.»

Sempre de máscara, o teu pai entrega-te dois artefactos do museu da sua vida. Primeiro, um livro que escreveu. Depois, a tua certidão de nascimento, com o papel amarelecido, datas e nomes escritos à mão, a prova burocrática de que és filho do

teu pai. As mãos rugosas e trémulas, que agora te entregam o testemunho, são as mãos fortes e seguras que pegaram em ti no dia em que nasceste.

Durante toda a viagem de regresso, também tu és monomaniaco. Contudo, no lugar de uma certeza, perturba-te a dúvida:

Qual a intenção de um pai doente ao entregar ao filho adulto o documento que atesta a sua vinda ao mundo?

Quatro anos mais tarde, não tenho uma resposta. Há enigmas que nunca poderei resolver, mas sei que somos todos dúbios e múltiplos, que ninguém conhece ninguém. Como qualquer pessoa, ele era invencível na juventude e mortal na velhice, marido dedicado e castigador, o pai que, nas minhas memórias, corre rampa abaixo, ora para brincar comigo, ora para dar cabo de mim. Naquela tarde de agosto, entrei na casa onde cresci como haveria de sair, sabendo que nenhum de nós jamais teria o que queria do outro. O luto pelo meu pai estava a ser feito havia anos, com ele ainda vivo. Repetíssemos aquele encontro mil vezes, e nunca se resolveria a inquietude tempestuosa que tanto o levava a dizer «És uma má pessoa, basta ler as coisas que escreves», como a oferecer-me a minha certidão de nascimento e um romance da sua autoria, no qual escreveu a dedicatória:

«Para o meu filho Hugo, com muito amor.»

27 DE OUTUBRO DE 2020

Passeias a cadela e decides fazer peixe cozido para o jantar. No regresso a casa, a M. chama-te ao quarto, põe-te o teste na mão:

Grávida 2 a 3 semanas

Deitam-se na cama, os dedos entrelaçados, e ficam a ver o céu pela claraboia. Faltam-te as palavras que descrevam a novidade e a alegria. Falta-te o conhecimento para abarcar o que aí vem.

Enquanto pensas no teu pai, cozinhas o peixe e os legumes — o simbólico e o mundano, porque, afinal, o mundano também é simbólico: todos os dias se anunciam nascimentos, todos os dias se preparam mortes, todos os dias se faz o jantar.

Pensas que, ao longo da vida, se vão reduzindo as emoções de absoluta novidade — a estreia dos beijos na boca, a bebedeira iniciática ou a primeira vez que, pela janela do avião, se descobre uma outra escala para o mundo. Com o passar dos anos, esbatem-se o vigor e a regularidade das experiências inéditas, seja por habituação dos sentidos ou por sobrecarga do espírito.

Estás a pensar que a curva descendente das novidades será contrariada pela gravidez da M., quando das mãos te escorrega a tampa de vidro de um tacho. Centenas de cacos afiados e rutilantes. A prova de que tudo se quebra. Apesar da novidade, a vida continuará a partir-se.

29 DE OUTUBRO DE 2020

Consulta online, por causa da pandemia. A médica diz que o embrião é um pontinho: a ideia de algo que pode ser ou não ser.

30 DE OUTUBRO DE 2020

O avô da M. faz noventa anos, será bisavô pela primeira vez. E o teu pai, chegará a ser avô do teu filho?

12 DE NOVEMBRO DE 2020

Ficas a saber da morte do bebé de um casal teu conhecido, no oitavo mês de gestação. Não contas à M. e, durante o dia, és emboscado pelo horror da perda daqueles pais, algo se desarranja ao ponto da náusea. Haverá algum medo que se compare a este? Já não será a morte da tua mãe o maior dano de todos?

Passeias a Amélia no Jardim da Tapada e observas o resplendor do seu pelo molhado depois de se esfregar no orvalho da relva, o lombo negro roçando as flores amarelas. Por momentos, uma cadela, na Natureza, deixa-te a salvo da tragédia.

14 DE NOVEMBRO DE 2020

Novo estado de emergência e recolher obrigatório por causa da pandemia.

16 DE NOVEMBRO DE 2020

Nas televisões da sala de espera do hospital, passam notícias sobre a rutura nas Unidades de Cuidados Intensivos. Lá fora, o frio da manhã empalidece o sol nas vidraças. Não há ondas no rio, nuvens no céu. O dia é limpo, ilimitado.

Desgraça e beleza convivem sem cerimónia.

Primeira ecografia. Estás suspenso da estática do ecrã como do desfecho de uma grande epopeia. Onde está a prova de vida? Pulsa no coração branco, desenhado por um computador que recebe o eco das ondas sonoras. Na máquina, o coração branco, que bate noventa vezes por minuto, produz um som de vaivém, um sinal intergaláctico que varre o desconhecido à procura de uma resposta para a pergunta: está aí alguém?

Todos os dias o feto cresce na barriga da M., tal como o cancro dentro do teu pai.

As células multiplicam-se para criar uma vida. As células multiplicam-se para acabar com outra.

Admiro-me com a dissonância entre o tom sombrio do que escrevi então e a memória luminosa dessas semanas. Sem prejuízo das ansiedades pandémicas que, na melhor das hipóteses, levaram as pessoas a fazer pão, a beber mais vinho e a desinfetar mercearias, tanto eu como a M. tínhamos a proximidade esperançosa da gravidez. Queríamos muito ser pais e não perdêramos saúde, casa, trabalho ou pessoas por causa da pandemia. Com a impunidade da distância, diria

que os nossos confinamentos tiveram o privilégio dos retiros campestres dos escritores novecentistas, ou a pátina de uma viagem de circum-navegação em camarote de primeira classe.

«Conta um sonho e perde um leitor», terá dito Henry James. No entanto, arrisco a transcrição das histórias criadas pelo meu inconsciente à solta, durante a noite, nas semanas que se seguiram à notícia da gravidez, porque, ainda que lhes falte sofisticação ou um bom enredo, transmitem com clareza algo que terei esquecido:

Sonhas que a M. enfia dois dedos na barriga e que mexe no feto — uma casquinha num líquido viscoso. Dizes-lhe que pare, que está a fazer-lhe mal, e acordas em pânico.

Sonhas que um carro cai numa enorme cratera cheia de água. Os passageiros afogam-se e não consegues salvá-los.

Sonhas que tentas proteger alguém de um atacante com uma faca, mas és tu que acabas esfaqueado.

Sonhas que chegas bêbedo à casa onde crescestes e que o teu pai acorda, apanhando-te nas escadas. Diz ele: «Isto são horas de chegar, e para mais nesse estado?»

Sonhas que estás no cabo da Roca, no limite do precipício. Duas mulheres e um homem (turistas, de chapéu e sandálias) aproximam-se da beira e ele despenha-se pela ribanceira.

Nada de surpreendente, o medo e a impotência são comuns na gravidez como na doença. E se, a cada ecografia, eu ia sabendo que o bebé tinha duas mãos, os ossos do nariz e uma coluna vertebral, também ia recebendo notícias da progressão do cancro do meu pai. Um dos seus melhores

amigos de juventude — outro que passara de aliado a proscrito — escrevera-me uma mensagem:

Meu querido Hugo, desculpa meter-me em assunto tão melindroso. Acabámos de ver o teu pai no supermercado e ficámos chocados com o seu aspeto. Fez-me sentir uma profunda dor. O teu pai já cá não vai andar muito tempo. Sei que tu e o teu irmão têm mágoas que não são fáceis de ultrapassar. Mas, se estiverem de relações cortadas e se for de vossa vontade uma última aproximação, creio ser a altura indicada.

O meu irmão mais velho ligara-me depois de uma visita: «Vi o pai muito, muito doente, magro, mal pegava no garfo. Cai da cama à noite e acorda a chorar, diz que vai morrer.»

Na entrada do diário desse dia, sobre esse telefonema, escrevi apenas, com mais fúria do que mestria estilística:

Foda-se, esta merda parte-te o coração.

Em pequeno, o meu pai apanhava sapateiras na maré baixa e lançava-se de rochas vertiginosas para o mar de Cascais. Pedalava uma velha bicicleta, apanhada do lixo e restaurada pelo meu avô, um guarda-fiscal que o inscrevera nos Salesianos do Estoril a fim de interromper a linhagem de camponeses e de contrabandistas que fugiam dos carabinieri espanhóis numa pequena aldeia raiana da Beira Alta. Na década de 1950, escolher aquele colégio católico para o filho, com esforço financeiro para a família, representava a crença de que só os estudos podiam contrariar a sina das crianças serviçais, que toda a vida assinariam de cruz ou que teriam de emigrar porque, como disse uma irmã do meu avô ao seu filho de treze anos: «Tu abala daqui antes que o teu pai te mate a trabalhar.»

Certa manhã, o meu pai arriscou perder a benevolência indisponível aos seus primos que emigravam a salto e fugiu da missa da escola, com uns quantos colegas, usando uma porta lateral que dava para os jardins. Entre o sonolento «*Dominus oviscum*» do padre, no altar, e as estrangeiras em

trajes de banho, na praia do Tamariz, havia apenas que cruzar a estrada marginal e a linha de comboio. Como marujos de licença em terra firme, os rapazes perderam o tino e a hora, regressando quando os outros alunos já haviam comungado o corpo de Cristo e o tinham deixado a penar na cruz para toda a eternidade. Mas o filho de deus não estava sozinho na igreja. O temível padre Miguel esperava os meliantes.

«Nunca foi meu professor, mas bateu-me mais que qualquer outro naquela escola», contou-me o meu pai, recordando a arma preferida do sacerdote, que também era treinador de hóquei: o cabo de madeira da sineta com que chamava os estudantes para as aulas.

(Trinta e tal anos mais tarde, o padre Miguel seria meu professor de Educação Visual, no mesmo colégio. Já não batia nos estudantes, mas expulsava da sala quem se esquecesse dos guaches, e um atraso na entrega de um desenho implicava que se fizessem dois para a aula seguinte. Desenhar de acordo com os seus ditames era um calvário. Havia mais negativas em Educação Visual do que em Matemática. O meu pai, que tinha talento para as artes plásticas, ajudou-me várias vezes, acordando de manhã cedo para se ocupar dos desenhos. Não estou seguro se o fazia para o filho ter uma boa nota ou para ajustar contas com o padre que lhe batera.)

Os fugitivos da missa foram, um a um, convocados à sacristia, onde receberam cinco chibatadas na palma de cada mão. O meu pai ficou para último e, chegada a sua vez, percebeu o motivo: o padre Miguel atribuíra-lhe a liderança da quadrilha e uma pena agravada, continuando a bater-lhe

além da meia dezena de vergastadas. Ao fim de vários golpes, o meu pai recolheu as mãos e, coagido a oferecê-las em penitência, terá empunhado a estátua de um santo. Em legítima defesa, justificou-se depois ao meu avô, que teve de comparecer vestido com a farda da Guarda Fiscal, diante do padre Miguel, a fim de tornar mais solene a contrição pelos delitos do filho, que seria suspenso, em vez de expulso.

A mitologia da juventude do meu pai é feita de uma fisicalidade cinematográfica que mistura épicos bíblicos e cenas de pancadaria ao jeito de um *spaghetti western*. Há fotografias suas em que imita as poses de Steve Reeves, culturista e ator que interpretou o semideus Hércules em vários filmes. Há relatos de uma fuga a cavalo, por causa de um touro bravo, na aldeia do meu avô, e cómicas trocas de sopapos em bailes, nos quais nunca ninguém se magoava com gravidade. Há histórias de motos, namoradas — a Cindy, a Necas, a Françoise — e um grupo de amigos para quem o penteado do Elvis Presley e as camisas de manga curta, arregaçadas, do James Dean, em *O gigante*, eram vigorosas manifestações de estilo num país retrógrado. Em menos de nada, esse país desprezou os galãs e mandou-os para a guerra. Então, separados pela geografia continental do império, trocando a liberdade possível por comissões militares obrigatórias, o humor dos rapazes daria lugar ao drama dos adultos.

O meu pai saiu de Portugal clandestinamente, para evitar a guerra, porém, foi barrado à entrada no Reino Unido e acabou a partilhar casa, na periferia de Paris, com um falsário português que fugira da prisão mas ainda usava o talento

artístico para ajudar emigrantes. O aspirante a arquiteto, que era o meu pai, acabou como soldador numa fábrica de latas de tinta e, desalentado, regressou a Portugal, onde, dado como compelido, foi punido com o dobro do tempo de serviço militar e recambiado para Angola. Apesar da guerra, as recordações dos anos em Luanda são mais hedonismo tropical do que perpétuos pesadelos com minas na picada ou caixões despachados para a metrópole. Ainda assim, se a guerra não faz um homem, certamente dá cabo da inocência de um rapaz.

Talvez o meu pai nunca tenha perdido o fascínio pelas possibilidades do seu corpo — lembro-me de que, quando espirrava, se punha a fazer flexões para derrotar o vírus da constipação —, mas, no regresso de África, ao esplendor dos seus músculos começaram a ser exigidas novas aplicações, que tinham menos que ver com a sua boa pinta ou com competições de virilidade com os outros rapazes. A vida, afinal, seria um outro tipo de guerra que poria o meu pai à prova, anos mais tarde, quando a saúde da minha mãe definhava irreversivelmente. Uma ambulância foi buscá-los a casa, levando-os até ao aeroporto, na manhã em que viajaram para Londres, cidade onde ela seria operada a um cancro e morreria depois. Durante anos, acreditei que ele levava a minha mãe ao colo para a ambulância, escadas abaixo, no prédio onde morávamos. É possível que essa imagem reversa — em vez de entrar em casa, com a noiva, para uma nova vida, o marido carregava-a para a morte numa cidade distante — fosse apenas uma representação do pai estoico que eu admirava, uma vez que nem o meu irmão nem a minha

avó, presentes nessa despedida, se lembram de que assim tenha sido.

Da vida do meu pai, eu destacaria sempre o viúvo que trouxe o cadáver da mulher de volta a Portugal, o trabalhador que saía de manhã cedo e só voltava à noite, ao núcleo da destruição que era o nosso apartamento, com dois miúdos órfãos de mãe, para assim cumprir os deveres do progenitor sobrevivente que, tal como o seu pai fizera com ele, providenciaria aos filhos aquilo que lhe faltara; o empresário que saldou dívidas, que construiu casas e que, sempre de cara escanhoadada e sapatos engraxados, era recebido como «senhor Zé» pelos empregados de pastelaria que lhe serviam um galão muito escuro em copo escaldado; o homem que me ensinou a nunca descumprir com os bancos, os impostos ou a Polícia; o viúvo que voltou a casar-se, refundando a família quando, aos quarenta e quatro anos, foi pai do seu terceiro filho. (Aos quarenta e quatro anos, eu fui pai do meu primeiro filho.)

Quando soube que o meu pai se estatelava da cama, a meio da noite, chorando porque tinha medo de morrer, não pude disfarçar o meu ultraje primitivo, do macho que preza a inteireza do seu corpo: como podia aquele homenzarrão ser reduzido ao desamparo dos doentes terminais? O choque maior viria depois: como podia o meu pai ter escondido, durante toda a vida, tão indefetivelmente, a sua vulnerabilidade?

Filho do pai

Uma morte e um nascimento separados por poucos meses. Um desencontro que impediu Hugo Gonçalves de ser pai e filho ao mesmo tempo, mas que o levou a indagar a história da família e um património em que a virilidade era uma divisa.

Alternando o registo do diário com a escrita do romancista, o drama com o humor, este livro assumidamente biográfico explora a difícil relação de um filho, órfão de mãe, com o pai viúvo, desde a infância até à idade adulta, quando a morte os separa e o filho se torna, também ele, pai de um rapaz.

Que fazer com os modelos de masculinidade, herança de homens forjados na escassez, na dureza e na lealdade do sangue? Que género de paternidade escolher para si, agora que o escritor tem um filho pequeno? Que significa, hoje, ser homem e pai?

É a partir das dúvidas, num tempo de certezas polarizadas e trincheiras ideológicas, que viajamos pelas décadas e pelo mundo, da pequena aldeia raiana dos antepassados do autor até Nova Iorque, Madrid e Rio de Janeiro do século XXI, seguindo o rasto da memória, do corpo, do sexo, do amor, da escrita e da paternidade.

Um texto comovente e lancinante, que vem enriquecer a odisseia pessoal do autor, iniciada com *Filho da mãe*, que tocou milhares de leitores.



COMPANHIA DAS LETRAS

«Quatro anos mais tarde, não tenho uma resposta. Há enigmas que nunca poderei resolver, mas sei que somos todos dúbios e múltiplos, que ninguém conhece ninguém. Como qualquer pessoa, ele era invencível na juventude e mortal na velhice, marido dedicado e castigador, o pai que, nas minhas memórias, corre rampa abaixo, ora para brincar comigo, ora para dar cabo de mim. Naquela tarde de agosto, entrei na casa como haveria de sair, sabendo que nenhum de nós jamais teria o que queria do outro. O luto pelo meu pai estava a ser feito havia anos, com ele ainda vivo. Repetíssemos aquele encontro mil vezes, e nunca se resolveria a inquietude tempestuosa que tanto o levava a dizer “És uma má pessoa, basta ler as coisas que escreves”, como a oferecer-me a minha certidão de nascimento e um romance da sua autoria, no qual escreveu a dedicatória: “Para o meu filho Hugo, com muito amor.”»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



companhiadasletrasportugal

ISBN: 978-989-583-614-7



9

789895 836147